

RESENHA:

LIMA, Renato Sérgio de e RATTON, José Luiz (Org.) **As ciências sociais e os pioneiros nos estudos sobre crime, violência e direitos humanos no Brasil**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Urbania; ANPOCS, 2011, 304 páginas.

ERLY EUZÉBIO DOS ANJOS¹

Narra a trajetória dos mais importantes estudiosos e pesquisadores da violência e criminalidade urbana no Brasil, em meadas de 1970, quando se inicia uma preocupação sociológica e política sobre a questão. É um livro de interesse para alunos, professores, pesquisadores e do grande público sobre a temática da violência. Tem relevância particular para quem se debruça sobre o enigma da violência, enquanto metáfora para se refletir sobre os caminhos (e descaminhos) da sociedade brasileira na contemporaneidade. José Vicente Tavares é um dos que se destaca nesta tentativa de criar uma sociologia de novos conflitos sociais no mundo globalizado.

São entrevistas leves e soltas, porem, com informações interessantes sobre o que motivou os autores a entrar neste campo, das influências que receberam na formulação de teorias e métodos de pesquisa e de suas contribuições para o estado de arte desta área do conhecimento que ainda cresce com: monografias, dissertações de mestrados, teses de doutorados, artigos e livros

¹ Professor Aposentado e Associado III do Departamento de Ciências Sociais(DCSO), do Centro de Estudos Humanos e Naturais (CCHN), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo. E-mail: erlyanjos@uol.com.br

sobre o assunto. A importância de novos conceitos e abordagens teóricas, – como a noção de “sujeição criminal” de Misse e a abordagem da “representação social” de Maria Stela Grossi Porto – ajuda a entender a necessidade de se retomar os clássicos ou a explorar os novos autores.

Por ordem alfabética os autores entrevistados pelos autores (e com a ajuda de outros) são: Alba Zaluar, Antonio Luiz Paixão (*in memoriam* e numa entrevista seminal de seu par Edmndo Campos Coelho), César Barreira, Cláudio Beato, Edmundo Campos Coelho (*in memoriam*), Gláucio Soares, José Vicente Tavares dos Santos, Julita Lemgruber, Luciano de Oliveira, Luiz Antonio Machado da Silva, Luiz Eduardo Soares, Maria Stela Grossi Porto, Michel Misse, Paulo Sérgio Pinheiro, Robert Kant Lima e Sérgio Adorno.

Com estes depoimentos é possível constatar a importância da problemática da violência para se pensar sobre a diversidade teórica e metodológica, assim como da ênfase na formulação de políticas públicas, do aprofundamento em pesquisas em âmbito acadêmico e das parcerias com administração pública. Em geral há apreciação e exaltação de um pelo trabalho de seus colegas. Há, no entanto, discórdias e críticas que enaltecem a produção deste conhecimento sobre a complexidade da questão da violência na sociedade que merecem atenção. Misse, em breve artigo² e em palestra no Seminário sobre Violência e Segurança Pública no Espírito Santo (em 18 de maio de 2007), classifica as principais tendências analíticas, desqualifica a competição entre pesquisadores e chama atenção para o diálogo interdisciplinar.

Considero que este é um dos pontos em que deveria concentrar mais esforços e mais intercâmbio entre centros de excelência (nacional e internacional), com

²“Explicando a violência urbana e a criminalidade no Brasil: Um mapa das posições teóricas e metodológicas em disputa”, publicado em **Violência e Contemporaneidade** – Dimensões das Pesquisas e Impactos Sociais (Organizado por Cláudio Luiz Zanotelli, Eugênia Célia Raizer e Vanda de Aguiar Valadão. Vitória, ES: Grafita Gráfica e Editores: NEVI/UFES, 2007, p. 31-36).

as universidades e institutos regionais de estudo e pesquisa da violência e a criminalidade. Um esforço que teria que ser apoiado por investimentos de recursos humanos e financeiros de Governos e os resultados teriam impactos relevantes na prevenção da criminalidade violenta nas cidades que pecam por falta de programas e ações exitosas de segurança pública.

Estas dificuldades surgem quando se os entrevistados relatam suas experiências em suas universidades. De particular interesse é o embate entre pesquisadores que selecionam a polícia e a justiça criminal enquanto objetos de estudo, como é o caso de Roberto Kant de Lima com o método etnográfico. Outros contam experiências semelhantes, como ocorreu com Antonio Luiz Paixão em seus estudos hoje considerado um clássico sobre a instituição policial e violência no Brasil.

A leitura do livro é prazerosa para todos interessados e principalmente para quem se deleita com os textos destes autores e se questiona sobre como e porque escolheram os seus objetos de estudo. Algumas das circunstâncias são valiosas porque estão conversando francamente sobre as suas experiências, sem se preocuparem com o conhecido “patrulhamento ideológico” do passado. Pode-se, como resultado, pensar em algumas atividades analíticas e didáticas a ser desenvolvido, como comparar as razões de escolha de seus objetos, de suas circunstâncias, das influências teórico-metodológicas, dos textos voltados para a construção teórica versus práticos ou aplicados, no caminho do mapeamento mencionado por Misse (2007) em nota. Outro resultado relevante é a citação de livros e obras, pelos próprios entrevistados, que ajudam pesquisadores, professores e alunos na elaboração de seis artigos, monografias e teses a ser desenvolvidos sobre esta temática. Estou certo que outras ideias e pistas interessantes surgiram com atenção voltada para o presente livro que tenho o prazer de sugerir.